

DE QUEM É A DEMANDA?

Juliana Moreira Reis Tavares¹

Uma criança ao nascer se depara com uma estrutura que a antecede. Há um lugar previamente determinado pelos laços parentais, pela cultura, pela posição que ocupará na família, pelo seu nome, com os quais terá que se haver sem ter escolhido. A criança é antecipada pela estrutura, pelo desejo do Outro encarnado, dando suporte simbólico para o seu funcionamento pulsional.

Com esta noção de sujeito, a subjetividade humana é vista como algo que vai sendo constituída, que acontece, ou seja, não vem pronta. É por isto que se fala o advir de um sujeito, já que ainda não há linguagem instalada e as condições para que um sujeito se estruture (instale) são dadas pelo discurso familiar sobre o bebê, que é impulsionado pelo desejo materno e a Lei paterna.

A estruturação não significa desenvolvimento no sentido cronológico, o desenvolvimento tem haver com a função, o nascimento de um sujeito (não de um bebê), implica o modo como ele é significado, por atos, gestos e palavras, que vão recortando e delineando o seu lugar de filho.

Ao longo da estruturação psíquica de uma criança encontramos alguns sintomas como resposta de sua posição em relação ao Outro, sintomas que funcionam como suporte, não representando um obstáculo para sua constituição. São chamados *sintomas de estrutura*, que são aquelas respostas necessárias para a constituição do sujeito, ou seja, há momentos sintomáticos no decorrer do desenvolvimento que são estruturantes, tais como: o desmame; a angústia dos oito meses; o desfralde; os objetos transicionais que dão o sustentáculo necessário para suportar a falta, o brincar.

O brincar simbolicamente de uma criança é um indício que a sua constituição caminha, que ali há um sujeito que começa a produzir sintoma. O brincar é um sintoma

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/DF. E-Mail: julianamrtavares@gmail.com

constituente, pois é uma forma como a criança responde diante da sua estruturação. É a maneira que a criança tem de começar a tecer a rede de significações, como elabora o que a marcou. Mesmo sendo um sujeito em constituição, já existe um sujeito do desejo que começa a produzir suas próprias respostas. Na brincadeira a criança mostra *ser* tudo aquilo que ainda *não é*, mas que deseja vir a ser, pois lhe é demandado.

Isto ocorre quando as coisas caminham bem, mas sabemos que nem sempre é assim. Quando uma criança chega aos nossos consultórios, ela é trazida, geralmente, por seus pais (avós ou responsáveis) e ao escutarmos a queixa devemos atentar se esta corresponde ou não a um sintoma que esteja fazendo obstáculo para a sua constituição (os sintomas clínicos).

Recordei de Patrícia, uma menina de sete anos, filha única de pais separados, que foi trazida pela mãe com queixa de “crises de ciúmes”. Na primeira sessão de avaliação, mostrou um interesse imediato pela casinha, ao entrar no setting terapêutico. Pediu para brincar e na cena construiu duas casas: a dos avós e a dos pais (pai, mãe e filha). Quando perguntei e ela onde morava, ela falou – “com meu pai e minha mãe”. Tomei um susto e quando vi as palavras tinham saído da minha boca – “como assim?” Ela me explicou que mora com a mãe, na casa dos avós, e vai para casa do pai, que também mora com os avós. Na casa do pai, dorme numa cama com ele, pois lá não tem um quarto só para ela, mas, na casa da mãe, ela tem seu quarto, que era usado como o quarto de brinquedos, pois dorme diariamente na cama com a mãe, no quarto desta. Sobre isso, a mãe alegou que ficava sozinha e era o momento que elas ficavam juntas, mas Patrícia demonstrou em suas produções que gostaria de usar seu próprio quarto, e que já tinha solicitado isso. Entretanto, a mãe não aceitava e falava que iria ficar sozinha.

Diante disso me perguntei: será que o apelo (ciúmes) se situou como uma saída para não ficar alienada à mãe? Como uma resposta para se proteger da mesma? Que lugar essa criança ocupa para a mãe, ou melhor, para esses pais? Será que a crise de ciúmes poderia ser vista como um sintoma? Será que a dificuldade de se separar é da filha ou da mãe? De quem é a demanda? E qual é a demanda?

Sabemos que algumas vezes a criança trazida para avaliação ou mesmo para um acompanhamento pode estar no lugar de possibilitar que os pais formulem um pedido de tratamento, que não conseguem fazer em nome próprio. A queixa trazida pela via da

criança vem no lugar da demanda desses pais. Neste caso, a escuta poderá possibilitar um desdobramento, ou seja, abrir espaço para que esses pais se questionem sobre seu papel na queixa apresentada. A fala dos pais sobre a queixa trazida sempre acaba apontando para suas próprias infâncias (dos pais), já que o narcisismo parental comparece implicado no investimento de um filho. E esta fala, nos dará as pistas.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.